

Apresentação

Mãos tateiam
palavras
tecido
de formas.

Tato no escuro das palavras
mãos capturando o fato
texto e textura: afinal
matéria.
(Orides Fontela)

O atual volume de *A Palo Seco – Escritos de Filosofia e Literatura* ratifica o compromisso de seus organizadores em promover relações de implicação, aproximação e diálogo entre literatura e filosofia. Já na Antiguidade clássica, nos estudos acerca dos gêneros literários, tal relação se fez presente, e aqui vale lembrar as poéticas clássicas teorizadas por Aristóteles, Longino e Horácio, que se atentaram à obra literária valendo-se de princípios filosóficos que apontavam para a grandeza e o belo, ora por via do equilíbrio, ora por via do arrebatamento. O trânsito entre o conhecimento filosófico e a intuição poética não invalida o estatuto singular dessas duas formas de discurso; contrário disso, o afastamento resguarda a natureza dessas formas, justamente possibilitando aproximação. Sobre isso, e bem a propósito, Benedito Nunes diz que “É o movimento de ir de uma a outra, portanto separadas, cada qual na sua própria identidade, sem que cada qual esteja acima ou abaixo de sua parceira, numa posição de superioridade ou inferioridade do ponto de vista do conhecimento alcançado ou da verdade divisada, que constitui aqui o essencial. Se vamos de uma a outra, quer isso dizer que elas não são contíguas, mas que, guardando distância, podem aproximar-se entre si. A relação transacional é uma relação de proximidade na distância”.

O ecletismo desta edição permite relações que vão dos teóricos iluministas às margens do transcendentalismo romântico; do romance regionalista brasileiro à poesia da geração de 1945; do erotismo na prosa de ficção moderna à poesia brasileira e portuguesa contemporânea. Os dois primeiros artigos trazem contribuições de Diderot no que se refere à teoria dos gêneros e ao vínculo que se estabelece entre literatura e Ilustração; porém, no primeiro, intitulado “Sobre a teoria dos gêneros dramáticos: drama burguês e o drama novo”, Patrícia A. Corrêa Mazoti expande para os domínios do drama novo de Tchekhov, enquanto no segundo – “Um bom poema é uma peça digna de ser pregada em homens sensatos – *A religiosa*” –, Christine Arndt de Santana detém-se mais sobre o aspecto moral da obra diderotiana.

Já no artigo seguinte, Carlos Eduardo Japiassú Queiroz provoca relações entre a obra e o leitor por via da abordagem teórica do imaginário e do simbólico, fundamentado na Corrente de Estudos do Imaginário e na Estética da Recepção, no texto “Uma investigação dos conceitos do imaginário e do simbólico no tocante ao processo de recepção literária”. Em “Aspectos da Natureza no Romantismo: um recorte crítico”, Alexandre de Melo Andrade também se volta para o simbólico, apropriando-se do conceito de analogia amplamente difundido na filosofia e na literatura do Romantismo, e demonstrando como se dá a relação entre a subjetividade romântica e a objetividade da natureza nas bases do movimento.

Na sequência, Clarissa Loureiro relaciona erotismo, amor, exílio e incompletude na modernidade, no seu texto “O erotismo como instrumento de especulação filosófica em *O Trópico de Câncer*”. A crise da modernidade se faz presente na prosa de ficção do século XX também pelas vias do fantástico e suas ramificações, o que é tematizado no próximo artigo, intitulado “O impuro em Kafka a partir da ótica benjaminiana”, de Ivanildo Araújo Nunes.

Poetas de destaque da literatura brasileira contemporânea são discutidos nos dois artigos seguintes, que também se abrem a aspectos basilares da recente produção de poesia. Em “Uma incorporação fatal”, Carlos Eduardo Marcos Bonfá se debruça sobre a poesia de Alexei Bueno, (re)pensando o conceito de anacronia e de *femme fatale*, principalmente por via do poema “Silvia Saint”. A poesia de Geraldo Carneiro é apresentada por Leonardo Vicente Vivaldo no próximo artigo – “sou um animal em surto de poesia”: o Outro e o Devaneio Poético em Geraldo Carneiro” –, partindo do pressuposto de que há, neste poeta, uma comunhão cósmica que possibilita o que Octávio Paz chamou de “outridade”. Ainda permeando aspectos da literatura contemporânea, Audrey Castañon de Mattos faz uma abordagem do silêncio na escritora portuguesa Teolinda Gersão, principalmente à luz de Ludwig Wittgenstein, esbarrando na compreensão do ser e da palavra, em texto intitulado “O que a palavra não pode dizer: a escrita do eu em *Os guardachuvas cintilantes*, de Teolinda Gersão”.

A discussão em torno dos elementos estéticos, principalmente do expressionismo, presentes no romance realista *Angústia*, é a abordagem realizada em “O expressionismo em *Angústia*, de Graciliano Ramos”, da autoria de José Rafael Valadão. Outro escritor brasileiro contemplado é João Cabral de Melo Neto, aproximado, por Fernando Pereira Impagliazzo, em clave comparativa, a Manuel Bandeira; *Museu de tudo*, do poeta de 45, e *Mafuá do Malungo*, do poeta de 22, são interligados por uma escrita do eu, fundamentado em “Há um contar de si no escolher”, o quadro do poeta-antologista de *Museu de tudo*”.

Por fim, apresentamos, na seção dedicada a traduções, dois capítulos do segundo volume de *Littérature et Philosophie Mêlées*, de Victor Hugo, sendo o primeiro “Sur Voltaire”, e o segundo “Sur l’abbé de Lamennais”. A escolha destes textos se deve, conforme nos diz a tradutora – Maria Aparecida Antunes Macedo – “à necessidade de dar-se a conhecer uma coexistência, não muito pacífica, entre dois períodos históricos, filosóficos e literários, que foram as Luzes e o Romantismo francês”.

Ao entregarmos este volume, temos a convicção de que pudemos contribuir para alguns acréscimos ao que se estudou e se estuda acerca das relações entre literatura e filosofia, o que pode ser atestado pela originalidade dos debates e das especificidades aqui apresentados. De nossa parte, fica o desejo de que esse diálogo se confirme e se complete a partir do olhar dos leitores que se enveredarem por essas trilhas cruzadas.

Alexandre de Melo Andrade